

FRANCISCO PERNA FILHO

A estranha fogueira na qual fora consumido

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Não me esqueças

“Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu.”

Clarice Lispector

Perdoando Deus



I

Acabara de perder o sono, boca seca, corpo doído, meio aturdida pelo sonho que tivera. Sonho fora intenso, perturbador! Agora sentia-se aliviada. A boca seca e a vontade de respirar um ar puro fizeram-na descer os dois lances da escada que levava à parte inferior da casa, onde ficava a cozinha. Tateou para encontrar o interruptor, equilibrou-se para não cair, até chegar ao filtro de água. Sentiu algo como uma folha a roçar-lhe o dedão do pé, que trazia descalço, quando viu, emborcada, ainda viva a balançar as antenas, uma enorme barata. Quis gritar, mas conteve-se. Àquela hora, poderia acordar os vizinhos. Deu um salto para trás e, trêmula, refletiu sobre o exagero do seu ato.

A imagem que lhe veio foi inquietante. Que bobagem, aquilo era literatura! Meneou a cabeça negativamente. Por um instante, esquecera-se do que viera fazer na cozinha, até se dar conta de que sua sede aumentara e ela precisaria vencer o medo, sorver aquela água límpida e fria, mas, para isso, precisaria afastar o inseto asqueroso, que ainda mexia patas e antenas, como que pedindo socorro, querendo desvirar-se

e ir embora. Tudo deveria ser muito estranho, também, para o inseto, que se debatia assustado, supôs.

Correu para a área de serviço, pegou a vassoura e varreu o bicho feio, nojento, para bem longe, só assim pôde matar a sua sede, sentando-se, em seguida, à mesa da copa. Apoiou os cotovelos no tampo de vidro da mesa, a cabeça nas mãos, e mirou o copo vazio por um bom tempo. Ali sentada, sozinha, deu-se conta de acompanhar mentalmente a música que soava ao longe, *Oblivion*, de Astor Piazzolla, vinda de algum vizinho insone.

Na sala contígua, o piano, a estante, a poltrona amarela, a solidão, coadjuvantes daquela noite comprida, de flores imaginárias e murchas. Chorou um choro silencioso e compassado, um choro de dor, mas também de alegria por saber-se viva, um corpo ávido por amor, cuidado e zelo. Um ser que se redescobria.

II

Estavam em Paris, era verão, hospedaram-se no quarto andar do Hotel Quartier Latin, na Rue des Écoles. Era 15 de julho de 2014, saíram para visitar o Louvre, mas desistiram, desencorajados pela fila imensa de visitantes, composta preponderantemente por asiáticos, com suas câmeras fotográficas sofisticadas. Após uns bons passos, ao serem surpreendidos por uma chuva fina, correram para se abrigar sob a tenda de um restaurante, onde degustaram um bom vinho tinto, trocaram algumas carícias, esperando que a chuva cessasse para irem ao Museu d’Orsay. Atravessaram a Pont Royal, contemplaram a beleza do Sena, quando ela lhe disse que queria muito viver ali, na cidade das Luzes.

A fila não era tão grande apesar de ser uma terça-feira. A chuva voltou a cair, eram apenas chuviscos. Entraram, ela pegou a mão dele e carinhosamente rumaram em direção às galerias do museu. Mostraram-se admirados com o riquíssimo acervo e com a babel de pessoas. Pensar que ali já fora base para os nazistas. Seguiram em frente, ele fora chamado a atenção ao tentar tirar uma foto e, sem graça, guardou o aparelho celular enquanto caminhavam para a próxima se-

ção. Ali, um rebuliço; ao se aproximarem, estacaram ante o espetáculo que se lhes apresentava, a vida imitava a arte! Uma moça, que também era artista, tirara a roupa, sentara-se no chão do museu, abrira as pernas e mostrava, escancaradamente, o seu sexo, como no quadro encimado, *A Origem do Mundo*, de Gustave Courbert.

Ela enrubesceu ao ver os olhos do marido vidrados, fixos no sexo da moça, que não dizia nada, apenas posava para quem quisesse fotografá-la, tal qual o quadro, uma espécie de *mise en abyme*, a porta *ad infinitum*, o abismo! Como diria Gide sobre as narrativas. Ele, ao ser tocado por ela, virou-se de imediato, olhando-a em todo o seu fulgor, os olhos brilhantes, as narinas abertas e o coração um pouco agitado, quando a puxou para si. Acariciou-lhe os cabelos e caminharam em direção à outra sala. Voltando-se mais uma vez para ela, mirou-a nos olhos e, docemente, falou:

Arquitetura de inquietudes,
o teu olhar,
tecido em ancestralidades,
acostumou-se a movediças areias,
desvãos,
e cadafalsos.

“*Desvãos e cadafalsos*”, acordou balbuciando aquelas palavras. O dia já era claro. Assustou-se, achando que havia perdido a hora, mas caiu em si. A realidade era outra, ela estava em casa, assim como muitas outras pessoas mundo afora. O sonho fora intenso, quase real, diria ela, mas algumas coisas eram pura fantasia. O quadro, por exemplo. A viagem, o hotel,

o Sena, a cidade de Paris eram reais. Sentiu alívio, paz e uma alegria distante. Espreguiçou-se, sorveu num hausto o ar que entrava pela frincha da janela do quarto. Agora, sim, viu-se aliviada daquele atribulado sonho. Não tinha pressa, era sozinha, agora. Vestiu-se economicamente, calçou as pantufas já gastas, foi à cozinha e coou o café enquanto observava a fumaça ganhando espaço, subindo em piruetas por sobre o bule. Encheu a xícara, sentou-se à mesa.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
franciscopernafilho@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2023.
